

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 e 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 0/0 de abatimento

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

O casamento do rei

E' muito natural e justo, que um moço de dezenove annos pense e deseje uma companheira, que lhe suavise as horas de aborrecimento e equilibre os nervos, quando deficiencia morbida ou degenerescencia atavica a isso não ponha legitimo embargo; e muito principalmente quando esse moço, feito rei pela força da hereditariedade e por lapso da civilização, se acha comprimido dentro de apertadas e caricatas formulas protocolares, que contrariam as tendencias da economia animal, sujeita a leis tão fataes, como as que regem o movimento da terra ou asseguram o equilibrio dos astros no ether infinito. Sob este ponto de vista nenhum reparo nos póde merecer o casamento do snr. D. Manoel, não obstante acharmos mais conforme ao sentimento, que o rei fosse levado ao encontro da sua futura pelos impulsos do seu coração e não pela mão de Afonso XIII, que está novo para o officio. Esse de resto não nos parece que fosse o desejo de vêr o seu collega no rol o *primus movens* da visita do rei de Hespanha a Villa Viçosa; antes para cabal explicação será preciso admittir um *latet anguis* . . . , que muito desejamos não venha produzir mortal ou perigosa mordedura. Faz muito bem o snr. D. Manoel em ligar a sua radiante mocidade a uma terna esposa, que . . . iamão a dizer, dê á Patria cidadãos prestantes. A esta idéa tropeçou o pensamento na odiosa excepção, afflorando o mal dos casamentos regios. Ainda se as rainhas fossem estereis! E se o rei sáe ao seu homonymo dos tempos aureos! . . .

As rainhas dão á luz principinhos, que começam desde o nascimento a sugar com o leite, que nem sequer é o da mãe, grossos proventos, que o sacrificio de todos amigalhou no já depauperado thesouro publico. E são grandes, e são enormes para a situação angustiosa das finanças do paiz, as despesas que se preparam. Será a dotação da rainha, será a dotação dos filhos—e de quantas, ai de nós!—e serão as pompas dos festejos nupcias! Entretanto além sangrarão os seios vazios da mãe faminta, mordidos pela

fome do filho macilento! Emquanto que na capital estrallearão os foguetes de bomba real em homenagem a um principio decrepito e absurdo, que á razão repugna e a nação repelle, por essas congostas do Douro os miseros chefes de familia chorarão as lagrimas do desespero por não poderem conseguir as sobras do festim regio, que apaguem a sua fome e a dos seus, e saturados da adversidade irão procurar a libertação do tumulto ou a vingança do crime.

E tudo isto para conservar um anachronismo, que tem como unico apoio a força bruta da municipal e como serventuario uma oligarchia, que se quer bem jantada e bem installada. Incomprehensivel contradicção! Sustentar o luxo de uma monarchia, que nos tem ficado carissima, que nos tem arruinado e desacreditado só para não deslocar das suas commodas posições uma pequena minoria!

Pois que outra força, que não o egoismo sordido da *élite rotativa*, tolerada pela apathia ou ignorancia do povo, poderia sujeitar os destinos do paiz n'esta altura da mentalidade humana ao acaso de um utero tarado de degenerescencia atavica?!

Depois os filhos dos reis, digerindo as sinecuras, que os governos talham e o paiz amarga, são parasitas do sangue do povo, que se subtrahe por absurdo privilegio a tudo o que signifique sacrificio pela mãe-commum, a tudo o que represente risco da vida pela integridade da Patria.

Os filhos dos reis não vão para soldados; apparecem generaes ou almirantes ao desmamar, recebendo os galões das mãos engelhadas de algum velho e valente militar com larga folha de serviços relevantes, que lh'os apresenta de joelhos n'alguma sala azul do soberbo alcaçar!

Os filhos dos reis trazem *talento infuso*, que sublima nas nevroticas e desastradas aventuras de um D. Sebastião, na sagacidade e condescendencia marital de um João VI, ou nas rufianazes pimponices do rei da *piolheira* e dos . . . adeantamentos.

E porisso os ventres das rainhas, quasi sempre fecundos, não merecem a sympathia nem

a benção dos das outras mulheres, quando se tornam mães, porque estas criam cidadãos e aquellas desentranham-se em onerosos encargos, com que o paiz tem de gemer. E' por isto e só por isto que nós lastimamos o casamento do rei D. Manoel.

Como homem tem todo o direito de constituir familia, e nós desejar-lhe-iamos numerosa e robusta prole, se elle tivesse o encargo de a sustentar. Emquanto o paiz continuar morgadio da casa de Bragança, não podemos rejubilar com as nupcias dos reis.

Cumpra o paiz o seu dever, que é a eliminacão de despezas inúteis, que não pô-lem honrar, quem tem difficuldades em satisfazer os encargos das suas dividas ou para isso teve de assaltar o patrimonio dos orfãos.

Duarte Pereira.

A OBRIGA

Reijas conversas

A semana finda, em Vila Viçosa, esteve de visita a D. Manoel, Afonso XIII, e no jornalismo portuguez, como no lá de fóra, aventou-se que a viajata ia ter seus quês de *démarche* casamenteira. Deram-se os peridiostas á faina do palpite, ás advinhices, todos, no teor e derradeiramente, concordem em que a visita motivo tivera, entre outros, prezumivelmente, o do casamento do monarca portuguez.

E' bem natural e bem provavel que fosse, e reunidos os dois soberanos é mais que provavel, tambem, que impressões e conversas se praticassem sobre a situação politica nossa, visto que aos nossos vizinhos os interesse, e imenso, o que cá dentro possa ocorrer mais ou menos proximamente.

De facto, não é a nós, só e unicamente, que a situação decorrente se antolha grave, insubsistente e transitiva; os estranhos, como nós mesmos, conhecem a instabilidade em que angustiosamente nos debatemos, eles sabem da nossa crize politica, eles veem, tambem, que isso que para ahi atabalhoadamente e mesquinhamente se aguenta, lonje não vae, que depressa, já, immediatamente, concludente termo se impõe a esta incerteza, ao desequilibrio de toda a vida em que vejatamos, e que toda a vez que se não rezolva hora a hora mais se exacerbava.

Ora para a Hespanha de Afonso XIII um Portugal monarchico, ou um novo, republicano são diversidades que muito importam ao futuro, e mesmo ao presente, da politica interna hespanhola; sendo, inevitavelmente, para a coroa do vizinho rei uma maxima calamidade um Portu-

gal republicano, calamidade perigozissima com que lá, contando-se, já se aventam probablidades, calamidade para cujo final insucesso tudo é tempo e proprio de pôr em pratica, em entrevistas e almoços intimos . . .

De maneira que, em Vila Viçosa, reunidos os dois reinantes, não viria apenas a sêr a exposição dos gabos da noiva a *razão de estado* sufficiente para as aborridas magadas de uma viagem tão lonje,—não viria apenas a sêr um negocio matrimonial, limpo e seco, a causa maior do encontro.

Na sua patria hespanhola, hoje, Afonso XIII pouco a recear tem os republicanos—fracos e divididos por odios, invejas, e ambiciosos *cantonalismos* que globalmente os anulam—e se por esse lado tudo está bem, excelente será que, por exemplificação e estimulo de um tam achegado vizinho, não ganhem eles coezão e força conquistadora.

Excelente será . . . e para tanto não ha-de chamar-se tempo perdido ao gasto na viajata de Aranjuez a Vila Viçosa, nem as jeadas de estrema a estrema obice devem supôr-se para adiar o conversar rejio.

Por seguro, para nós, temos que a questão politica nossa hava de atacar-se ao café, entre os charutos e o *bel farniente*; ou propôr-se a largas conferencias d'entre o silencio dos reposteiros. E não ia sêr, palpita-nos, uma equanimidade tocante o jizar de planos entre reinantes creados e acepillados por Santo Inácio, um d'eles mostrando em Maura (a concreção do conservantismo catolico-monarquico hespanhol) como seu *prohombre* dileto a orjem e côr intrinseca de suas afinidades individuaes e politicas; e o outro, o nosso, tendo no meio palatino, familiar, que o cerca e o orienta, a mola primacial e ultra devota da sua ação determinativa.

De sorte que a politica portugueza, em taes auspicios, irremissivelmente foi das palestra, o como e o em que ninguem o sabe por ora, e todos nós, d'hoje a algum tempo, o viremos a sabêr sem duvidas, de facto, em factos que nos elucidem.

Mas parece-nos que d'ali não vem a vir cousa boa, não sómente porque, sendo os reis os naturaes e irreconciliaveis inimigos dos povos, as reunões e ajustes que entre si façam aos povos por via de regra custem o pêlo; como tambem porque, neste caso, tipicamente e logo recorde o adajio que todos sabem:

De Hespanha nem bom vento . . . nem bom casamento . . .

Ora é, justamente, de casamento, ao que referem jornaes diversos, que agora e superiormente se parolou na entrevista de reis.

Da Hespanha, negociador majestatico, Afonso XIII trouxe repleto o canhecho da parentela com pretensões, visto que o noivo,—um soberbo dote,—está justinho, á conta, de vir a sêr o melhor, o mais bemquerido consorte.

As chancelarias, os diplomatas, e as *entourages* farão a sorte ou a desfortuna das varias primas com inscrição no cartel, e mais mez, menos mez,—em o *md-mez* do povo—cá nos entra, pelo Tejo arriba, a princeza Coiza ou a infanta Loiza; —

nossa virtuozas e encantadoras rainha visto teimarmos, exemplarmente, em querer rei e rainha que nos possuam, nos tanjam, e nos tosquiem.

Far-se-ha o casamento que não é nunhuma miseria pra'hi de pobres diabos e de somiticos, e como não hajam já Tanjer e Bombaim para oferecermos . . . aos compatricios da noiva mais terra á terra nos satisfaremos a gastar em fogo e em luminarias—dote e festança—uns centos de contos b'judos.

Depois, á *rainha nova*, (ficamos com trez . . . uma triloja!) sessenta contos ao ano para manança, e a cada bebé que nasça uns contitos de reis. *do emprego*, e, se o pae do céu não mandar aquela chuva de polvora que reclamava o galego, continuaremos, nós outros, e nossos netos, como nossos paes a pagar reis, rainhas, principes, infantes, *coches*, casamentos reaes e . . . cala-te boca,—acaba-te aqui obriga . . .

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

A Russia sangren'a

Redobrou nos ultimos dias a luta feroz e horrorosa que na Russia vêm travando, desde ha dois annos, a autocracia e os revolucionarios. As forças pululam pelas cidades do imperio, e só em Baku, o grande imporio petrolifero, nas praças e arruamentos mais de dez garrotes erguem ao ar os seus braços sinistros, sempre cheios de vitimas—de martires e de quantos innocentes, por engano ou ferocidade enforcados. Paralelamente, os terroristas redobram de furia selvagem, e a bomba—o explosivo mortifero—vae fazendo a sua obra destrutiva nas fileiras dos serventuarios da autocracia.

E' uma guerra de morte—levada ás violencias extremas, implacavel e imperdoavel. O rejime chacina hoje na forca, ou sob a espada cossaca, um ou dez ou cem socialistas, liberaes, ou revolucionarios sem filiação partidaria? . . . Amanhã, estes respondem-lhe fazendo ir pelos ares um, dez ou cem executores da vingança e da traição official, e sempre nestas condições, e sempre dentro deste dilema, o conflicto eterniza-se esteril, ferocissimo, horroroso. Os revolucionarios não desarmam, nem esmorecem, atravez de todas as perseguições, sujeitos a todas as contijencias violentas, mas não conseguem, por ora ao menos, escaqueirar a autocracia; substituir o Czar por um estado novo, livre e justo como o promovem.

Pelo seu lado, o rejime por mais forcas que traga em serviço, e por mais levas de condenados que atire para a Siberia, pela sua parte não alcança, tam pouco, destruir, ou sequer localizar a dadas rejões, o movimento de revolta explodindo em atentados sangrentos.

Dura isto assim ha uns annos, e

não se lhe vê termo nem acalmia. No entanto o Czar continua sendo o «grande Amigo da Paz», e não nos conta o telegrafo que ele erre pelos salões do palácio, alucinado pela insonia cheia de fantasmas de justicados clamando vingança, e exigindo Justiça.

Não nos narram os telegramas o remorso, o horror majestático... E' que para o «Paezinho» dos russos mais urso ou menos, nas florestas da grande Russia, é couza por mais somenos. E para a sua psicologia de imperante menos que os urso são os desventurados dos homens... uns e outros subditos seus.

Aos Corintios

Para bem dizer, aos catolicos, vae o Santo Padre enviar a fala santa, a infalibilidade, de nova enciclica. Isto vimos em telegrama da «Havas» e, suspendendo a leitura, ficámos a meditar no que seria de Egrejio, de Altissim, o que o representante de Deus iria afirmar aos homens. Ah! decerto, a fala viria a sêr revelação do Sobrenatural, preceitos da Divindade, e, por momentos, a nossa descrença livre viu-se ilaqueada e oprimida.

E figurou-se-nos todo um quadro de tintas bíblicas, com o Santo Padre entre sarças ardentes, trovões terríficos, uma reedição milagreira da Aparição do Sinai, que todos nós lemos quando creanças.

Estava aviada a irreverencia livre pensadora com o formidando brado da nova enciclica...

Estava aviada a irreverencia livre pensadora com o formidando brado da nova enciclica... Ia apanhar, para seu tabaco, da alta e austera boca do representante de Deus!... Mas, vencendo-nos, finalizavamos a leitura do telegrama em motivo. Concluia pelo informe de que a Enciclica, vinha a proposito das eleições a efectuarem-se, por estes dias, na monarchia italiana. De modo que pasmados, corridos do nosso engano, respiramos, com um sorriso.

Na verdade, por cauza e a ponto de umas eleições:—á laia de avizo de rejeitor! E' pôr o ceo muito em baixo; é á infalibilidade dar máos dominios—os de Cezar... no carneiro com batatas eleitoral.

Modelo italiano

Os monarchicos portuguezes, quando no período magro do ostracismo, todos se vestem de côres berrantes, e debicando sobre monarchas e monarchias teem sempre, nos guarda roupas, apetrechada a andaina lustroza e fi-

na da liberdade democratica; das realzas da estranja,—que mostram a rei e povo num jogo de anternecer.

A mais em uso, deram-lhe forros de logar com os democratas da dissidencia progressista, era o modelo á italiana—uma monarchia que em liberdade, e respeito á lei, passava as lampas a qualquer republica.

«O Dia» e os oradores partidarios aproveitavam esse corcel de batalha, e apoiados a tal exemplo era cada tunda na nossa de estarrecer um defunto.

Ora a monarchia liberal e zeladora da lei, que floresce na Italia, contra a lei, e contra a liberdade vibrou o golpe de estado da dissolução das côrtes!

Tal qual como se fosse a reacção, e sem escrupulos, de Portugal; exactamente a aconselhada pelo chefe dos dissidentes como modelo, a seguir. Pois senhores amanhã não faltará quem nos buzine aos ouvidos com as excelencias e maravilhas da monarchia italiana, ou da Espanhola, ou de qualquer outra, que finja dar umas iluzões de alguns meses. E' assim o mundo—e muito teimam os homens a amparar-se a apparencias, a mentiras, que nem convencionalmente se salvam.

Plano

Ha um, o do Espergueira; para salvar a fazenda publica. Não lhe será difficil, metendo nos escaninhos do erario meia duzia de ratoeiras que apanhem os da «mão pilha». Não o fará, todavia, porque lá podiam vir a cair, muito finas palmas de mãos augustas, e porque, também assim, mal de sorte iam ficar os amigos.

Mas sem dezanimos o homem procurará, e fiquem certos que encontra. Ou elle não fosse o glorioso e nobre estadista da habilidade dos sobescritos e das cartas de... adeantamentos.

Os adeantamentos—a apostar que é precizamente a mola real de tal plano.

José Ramos

Nas listas de adezões ao partido republicano vimos ha dias o nome de José Ramos—o nosso valiozo patricio e bom amigo. Abraçamol-o, felicitando-nos, felicitando-o pelo digno e patriótico acto.

FOLHETIM

João do Rio

AS MARIPOZAS DO LUXO

(Conclusão)

As duas raparigas alegres encontram-se com as duas tristes defronte de uma casa de objectos de luxo, procelanas, tapeçarias. Nas montras, com as mesmas attitudes, as estatuas de bronze, de prata, de terra-cota, as ceramicas de côres mais variadas repousam entre tapetes estranhos, tapetes nunca vistos, que parecem feitos de plumas de chapéu. Que engraçado! Como deve sêr bom pôr os pés na maciez d'aquela plumagem. As quatro trocam ideas—de quem será?

A mais pequena lembra perguntar ao caixeiro, muito importante, á porta. As outras tremem!

—Não vá dar uma resposta má...
—Que tem?
Hesita, sorri, indaga:
—O senhor faz favor de dizer...
Aqueles tapetes?...

O caixeiro ergue os olhos ironicos.

Bonitos, não é? São de cauda de avestruz. Foram precizos quarenta avestruzes para fazer o menor. A senhora deseja comprar?...

Ela fica envergonhadissima; as outras também. Todas riem tapando os labios com o lenço, muito coradas e muito nervozas.

Comprar! Não ter dinheiro para aquelle tapete extravagante parece-lhes ao mesmo tempo humilhante e engraçado.

—Não, senhór, foi só para saber. Desculpe...

E partem. Seguem como que enleadas naquele enovelamento de couzas capitozas—montras de rendas, montras de perfumes, montras de *toilettes*, montras de flores—a chamal-as, a tental-as, a entontecel-as com o corrozivo desejo de gosar. Afinal, param nas montras dos ourives.

Toda a atmosfera já tomou um tom de cinza escuro. Só o ceo de verão, no alto, parece um docel de paraizo, com o azul translucido a palpitar uma luz misteriosa.

Já começaram a acender os combustores na rua, já as estrelas de oiro ardem no alto. A rua vae de novo precipitar-se no delirio.

ARA

OS MEUS FILHOS

(Martim)

Nasceu: era um varão! Com febre ancioza, a riscar seu futuro eis que me ponho: grandezas a grandezas sobreponho, e minha alma não pára, ambicioza!

Jenio insigne, consciencia luminosa, santo, poeta, heroe! Manso e risonho, mal enche o berço... mas como eu o sonho enche de luz a vida tenebroza!

Veio a morte e levou-m'ol! Altas montanhas, como invejei os musgos de veludo dos vossos cumes solitarios, calmos!

Titulos, honras, glorias e façanhas, tudo quanto eu sonhára, coube tudo num caixozinho branco de dois palmos!

Eugénio de Castro.

MIZERICORDIA DE OVAR

Em publicação no «Ovarense» e na «Discussão» tem vindo, os ultimos numeros, o projecto de estatutos desta associação beneficente, elaborado pelo nosso illustre e benemerito conterraneo dr. Batista Zigalo. Não o publicámos aqui, não por menoscabo ou menos consideração a quem quer que seja;—do dr. Batista Zigalo temos especiaes e penhorantes provas de apreço que não esquecemos—e de ninguém, entre os cavalheiros com inputação na materia, temos ou tivemos nunca, para o caso, o mais leve sinal de enfado. Todavia, propozitadamente, o não publicámos; e como sempre gostamos—quando nos apraz—de dar as razões porque procedemos, vamos explicar porque assim fizemos. E' porque o projecto de estatutos em questão não será discutido, nem aprovado, em reunião publica livre; é porque aos indicados para o discutirem lhes será distribuido, impresso; de modo que a conveniencia local de o inserirmos não passa além do simples interesse de leitura.

Quereríamos nós que os estatutos fossem sujeitos a) exame de todo o publico,—exame com attribuições de apreciação e proposta livre; quereríamos nós que por um *referendum* do povo a faculdade existisse de, todos nós, os podermos analisar e estudar:—com o preceito de ser aceite o que de facto o merecesse. Todos aqueles que subscriptores foram para a fundação da Mizericordia, e é a esses que se referem os ter-

Elas ficam a atenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A joia é a suprema tentação.

A alma da mulher exteriorisa-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se anciozos, numa atenção comovida, que guarda e quer conservar as minucias mais insignificantes. A prudencia das creanças pobres fal-as rezervadas.

—Oh! aquelas pedras negras!

—Tres contos!

Depois, como se ao lado um principe invizível estivesse a querer recompensar a mais modesta, comentam as joias baratas, os objectos de prata, as bolsinhas, os broches com corações, os aneis insignificantes.

—Ah! se eu podesse comprar aquele!

—E' só quarenta e cinco! E aquele relojinho, vê? de ouro...

Mas lá dentro, o joalheiro abre a comunicação electrica e, de subito, a vitrina, que morria na penumbra, acende violenta, crua, brutalmente, fazendo faiscar os ouros, cintilar os brilhantes, curricular os rubis, explodir a luz veludoza das safiras, o verde das esmeraldas, as opalas, os esmaltes, o azul das turquezas. Toda a montra é um tesouro, no brilho

mos aqui empregados de—todo o publico—, curial julgamos que direito houvessem a ter vós, e voto, na aprovação final dos estatutos. Congregar-se-hiam para isso numa magna e propria reunião, precedida da jeral divulgação do projecto—sem onus para os comissionados de agora, pelo recurso gratuito de publicidade, na imprensa—; e, quem sabe?—entre essa assemblea de populares, de interessados, pois que cooperadores eram com o seu dinheiro; quem sabe se de ahí viria algo de aproveitavel, de bom?!

Era tentar, a dentro dos dominios da verdadeira solidariedade e da integra justiça, era belo; em suma, desvantagem nenhuma ahí existia. Não que o projecto, tal como será em lei, seja defeituoso, mas porque o não tornariam peo as opiniões de quem ahí fosse, sinceramente, conscientemente determinado a concorrer com as suas posses, com a sua razão, com o seu trabalho, para a perfeição e justeza desta admiravel obra comum.

Não o entenderam assim, e, valha a verdade, pela nossa parte não o louvamos; bem veem, até, que ha discordancia entre o que é, e o que nós quereríamos.

Sem outro intuito que, strictamente, não seja procurar o melhor e o mais equitativo, (no nosso modo de vêr sujeito a erros mas não eivado de prejuizos), sem outro intuito apreciá nos e apreciarmos tudo quanto, sobre a Mizericordia de Ovar, tenha de sêr realizado. Isto, assim, porque temos a Instituição no verdadeiro conceito do seu valimento e da sua maxima conveniencia, porque á sua realização temos ligado o melhor e o mais definido das nossas aspirações, na sociedade existente. E ficamos certos que, justamente, esse é o desejo de todos; principalmente o dos que a tornam Realidade com o seu esforço bemdito.

CRONICA

O Entrudo

Ha no ano, senhores e senhoras, um parentesis de 3 dias de injenua e livre brutalidade, de vida animal franca e plena, em que o homem arruma para o lado a sua mascara pifia e acanalhada de toda a vida. Essa ocasião é o Entrudo, e é ainda por sobrevidaencia dos habitos e covardias de todo o sempre que o cidadão,

cegador e alucinante das pedrarias.

Elas olham serias, o peito a arfar.

Olham muito tempo, e ali, naquele trecho de rua civilisada, as pedras preciosas operam, nas sedas dos escriptorios, os sortilejos crueis dos antigos ocultistas. As mãosinhas bonitas apertam o cabo da sombrinha, como querendo guardar um pouco de tanto fulgor; os labios pendem, no esforço da atenção; um vinco avido acentua os semblantes. Onde estará o principe Encantadô? onde estará o velho D. João?

Um suspiro mais forte—a coragem da que se libertou da hipnose—fal-as despegar-se do logar.

E' noite. A rua delira de novo.

A' porta dos cafés e das confeitarias, homens, homens, um estridor, uma vozeria. Já se diziam perfectamente as pessoas no largo de S. Francisco—onde estão os bondes para a Cidade Nova, para a rua da America, para o Sacco.

Elas tomam um ar honesto. Os tacões das botinas batem no asfalto. Vão como quem tem pressa, como quem perdeu muito tempo.

Da avenida Uruguayana para

aqui e além, encarrapuça o grotesco salvo conluto da careta, para mais á solta, e mais fielmente, dar vazão aos seus sentimentos, ao seu moral, ás solicitações do seu temperamento, ao seu *modus vivendi* intimo; e aos seus achaques do fisico. Como uma valvula de escape o carnaval é uma medida de segurança, e é um aferimento infalivel da força vital e inconsciente de uma raça, de um ciclo humano.

E' também impressivamente, uma revivencia de velhas festas pra sempre mortas, no tempo, mas perpetuando-se, nos honems, pela herança social que umas edades ás outras deixam. Foi religião—esse que ve n hoje mais ou menos porco e ridiculo—; foi simbolica do misticismo humano em eras sans em que o homem espontaneamente creava os seus deuses familiares, terríficos ou protetores, e os personalizava de todas as suas lucubrações, de todos os seus sonhos, de toda a sua existencia.

Viveu na Grecia com as Olympiadas, em Roma com as espetaculizações do circo, na Egipticia com a coroação do Rei Djido; e nas tribus dos Primitivos, dos Retardados, com as misteriozas e sombrias feitiçarias.

Peste de cronica, pedante como um capelo, cá me virá dizendo o leitor—o meu unico... o pobre martir compositor.

Mas socegue, socegue o amigo, não ha mais corda.

Ora, ao norte, nos povos aonde a vida pletoziza os vazos sanguineos,—vidé a Kermesse, na Holanda—tem o Entrudo outra irrupção de bravura, de bruteza, de alarido, de humano, que não logra ganhar ao sul; amaneirado, *artificioso* nos meridianos mediterraneos elanguescentes, de circulação sanguínea lenta.

Bem eu lhes dizia que as raças... não se arrepele compositor, vá trabalhando,—vá lendo.

A idea dos dois ciclos é bem preciza no portuguez, que é um motivo caseiro.

Para isso tomemos as duas datas, 1500 e 1900; é paciencia meu rico martir, é paciencia o que mais lhe falta...

Mil e quinhentos era o Entrudo brutal, forte, irreprimivelmente galhofeiro e cinico, estoirando de animação nos salsifres de uns alentados conquistadores que atiravam, pela janela, a canela e o sangue no mesmo movimento de prodigalidade robusta; e 1900—catixa—, é o desdorado, desgracioso, anemico, debil *chéché* nos-

deante não olham mais nada, caladas, sem comentarios.

Afinal chegam ao largo. Um adeus, dois beijos, um «até amanhã»...

Até amanhã! Sim, elas voltarão amanhã, elas voltam todo dia, elas conhecem nas suas particularidades todas as montras da Feira das Tentações; elas continuarão a passar, á hora do desfalecimento da arteria, mendigas do luxo, eternas fulanitas da vaidade, sempre com a ambição enganadora de poder gosar as joias, as plumas, as rendas, as flores.

Elas hão-de voltar, pobresinhas,—porque a esta hora, no canto do bonde, tendo talvez ao lado o conquistador de sempre, arfa-lhes o peito e teem as mãos frias, com a idea desse luxo corrosivo. Hão-de voltar, caminho da casa, parando aqui, parando acolá, na embriaguez da tentação—porque a sorte as fez mulheres e as fez pobres, porque a sorte não lhes dá, nesta vida de engano, senão a mirajem do esplendor para perdela mais depressa.

E haveis então de vel-as passar, as mariposas do Luxo, no seu passinho modesto, duas a duas, em pequenos grupos, algumas loiras, outras morenas...

so conhecido, bem nosso espelho. Já vê o meu leitor unico que quanto a origens historicas, etnolójias, cíclicas, e tal e coizas, por aqui quedamos, sem mais abuzo.

Os nossos entrudos de hoje são uma reles pelintrice, anemica e suja, e o maximo que dão é o onagro cheio de vinho, espojando o céu e a bebedice nos trez dias de patuscada, de seringadelas e gaitas de cinco reis. Ainda, —agutamente,—ha uns vinte anos—entre nós, no povo havia a buzi-na; e nos fidalgos, na burocracia da terra havia bailados com chá e bolos. Isso mesmo, nos de pé descalço e nos de rabona miseramente, acabou.

Agora, o que ha, é uns borra-chões tristes aos bordos sobre a lamia das ruas, e uns «Entrudos» aborrecidos como uma velha, abrindo o hiatus do Rizo aos miradores das esquinas; —uns tipos de mãos no bolso que a mais desengraçada e desengonçada piada torna rizonhos que nem possessos. O nosso *Entrudo* morreu, e se revivesse e chama devotos é nas igrejas cheias de luminarias, e flores de papel, onde as beatas se acotovelam pra tasquinar a soneca, dijerrim a orelheira, e nos intervalos lucidos ouvirem o palavrado do pregador, untuozo.

Quer dizer, cá no burgo, como bom filho, o Entrudo regressa ao berço de que viera, forma relijioza espontanea no passado; cáctica imbecilidade devota do catolicismo tristonho, ao prezente.

E' para salvação dos homens e endireitadela do mundo; o fêmeão na igreja a engrolar inconciencias de reza, e, cá fóra, os senhores maridos a cascarem-lhe no verde e no torreano, até se lhe tocar com os dedos. Bem bom, porque se de um lado se é agradável á divindade, pelo outro atenua-se, um tanto, o horror da crise vinicola. E tem tambem os teatros, o nosso entrudo chinfrin, com serpentinas á moda de Nice: uma vergonha de dejennerados sem nervos, sem originalidade, sem *sensus*. E mais não disse—que mais não ha.

Minuscúlus.

CHRONICA AGRICOLA

XXX

Terras—plantas—estrupe de curral

Volto hoje a tratar o assumpto d'anteriores chronicas que vou seguindo para chegar a aconselhar o emprego dos adubos chimicos de forma, tanto quanto possível, que todos comprehendam. Para isso tenho apresentado umas noções geraes que me vejo forçado a continuar hoje para mais tarde, em outras chronicas, poder tratar assumptos que mal se comprehendiriam sem estes preliminares.

As plantas completas (tem, *raizes, caule, folhas, flores e fructos*).

As raizes tem varios fins: exercem a acção mechanica da fixação da planta á terra, absolutamente indispensavel para a sua vida; respiram tambem, absorvendo oxigenio e expellindo acido carbonico; por fim absorvem os elementos fertilisantes que a terra contém e que são o principal alimento da planta.

As raizes novas tem as extremidades cobertas de pêllos chamados mesmo *absorventes* que tem a seu cargo essas funções; mas como ha na terra algumas substancias *insolúveis* na agua essas raizes contem uns ácidos que atacando essas substancias as solubilizam, depois do que são absorvidas pela planta.

De tudo isto podemos tirar já algumas conclusões uteis; assim sabemos que as plantas devem ter as raizes a uma profundidade sufficiente para as fixar á terra mas não tão grande que a massa de terra as impeça de respirar.

Assim nos terrenos arenosos devem ter as raizes mais fundas e nos argillosos mais superficiaes.

O caule serve para supportar as folhas, flores e fructos e para conter os vasos por onde circula a seiva.

Os elementos absorvidos pelas raizes, sobem por o caule á folha onde são preparados para a assimilação; a seiva quando sobe das raizes chama-se até seiva bruta e depois é seiva elaborada.

As flores dão, depois de fecundadas, origem aos fructos; e isso já eu expliquei em chronicas anteriores.

Todas as partes da planta, tem os 4 elementos indispensaveis—*azote, acido phosphorico, potassa e cal*, como de resto tem todos os outros dez a que já me referi, mas com que não necessitamos de nos preocupar, mas n'ellas predomina um d'esses elementos, como de resto predomina em todas as culturas e esse é que

varia d'umas para outras. Convem saber isto para se poder fazer uma adubação *racional*; não é só deitar adubos, é preciso saber *porquê e para que* se usam. Tudo o que assim não for é gastar dinheiro sem proveito ou ao acaso.

Já vimos que dos 14 elementos necessarios ás plantas ha 4 organicos, sendo os outros mineraes. Os organicos são o carbone, oxygenio, hydrogenio e *azote*. Os primeiros trez fornecem o ar e a chuva com a abundancia precisa e as folhas se encarregam de satisfazer as exigencias da planta.

Falta-nos pois o *azote*.

(Continua).

NOTICIARIO

Dia a dia

Passa no proximo dia 20 o seu anniversario natalicio a Ex.^{ma} Sr.^a D. Rosa d'Araujo Sobreira, virtuosa esposa do snr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

A illustre senhora e familia as nossas felicitações.

—Guarda o leite por incommodo de saude o nosso amigo e dedicado correligionario snr. Manoel Nunes Lopes, considerado commerciante d'esta praça.

Desejamos que em breve se restabeleça.

—Tambem tem estado enfermo o snr. Francisco Joaquim Nogueira Junior, digno escrivão de fazenda d'este concelho, a quem igualmente appetecemos rapidas melhoras.

—De regresso da Ilha do Principe, chegou na preterita semana a esta villa, acompanhado de sua esposa, o snr. Miguel Redondo Gimenes, genro do snr. Manoel Henriques d'Oliveira Ramos. Boas vindas.

—Estiveram na semana passada entre nós os nossos conterraneos e amigos Bernardo e José Barbosa de Quadros.

Espectaculos

Em beneficio da Misericordia

Nos proximos domingo e terça-feira do Carnaval haverá espectaculos, cujo producto é destinado á construcção do novo hospital. A *troupe* dos velhos amadores põe a sua generosidade á disposição da Comissão Executiva, revelando mais uma vez as suas qualidades de altruismo, o que de resto vem provando ha muitos annos.

Temos a certeza de que o publico saberá corresponder áquella gentileza, accorrendo ao theatro, onde terá um passatempo agradável tanto para desejar n'aquelles dias destinados á *folia*, em que não ha outra especie de divertimentoos.

A *sim* realizar-se-ha a aliança *do util ao agradável*, que é a melhor maneira de viver. Contando como certa a generosidade do publico, a Comissão Executiva resolveu deixar a quotização á vontade dos espectadores desde o minimo dos preços do costume.

Os bilhetes estão á venda no estabelecimento dos snrs. Ferreras, na Praça, desde hoje.

N'estes espectaculos sobem á scena, além de duas chistosas peças expressamente escriptas por um nosso talentoso conterraneo, as seguintes engraçadissimas comedias em 1 acto: *Preciosidade de Familia, O Reino da Bolha, Resonar sem Dormir e Casa de Babel*.

Fallecimentos

Na sua casa da Praça falleceu, na madrugada de 10 do corrente, a snr.^a D. Felicidade Augusta Rifa da Gama Baptista, esposa do snr. dr. João d'Oliveira Baptista e mãe e sogra dos snrs. Carlos Alcantara da Gama Baptista e Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

O enterro da virtuosa extincta effectou-se no dia immediato ao anoitecer, sendo depostas sobre o feretro duas magnificas corôas.

—No passado domingo tambem

se finou o snr. Antonio Pinto dos Santos, pae do snr. P.^o Antonio Sanfins Pinto dos Santos, cujo funeral se realisou na manhã seguinte.

—Com 70 annos d'idade aproximadamente succumbiu egualmente em Sabrosa a snr.^a D. Maria do Rosario das Merês; Ferreira, tia dos nossos amigos Arthur e Joaquim Ferreira da Silva. A's familias dos extinctos o nosso cartão de condolencias.

Consortio

Na igreja da Sé do Porto realisou-se ante-hontem o enlace matrimonial do snr. Joaquim Correia Dias com a menina Amelia Belo, sympathica irmã do snr. Francisco Bello.

Em seguida á cerimonia, a que assistiram pessoas de familia e alguns convidados, os noivos dirigiram-se para Lisboa, onde foram passar a lua de mel.

Desejamos-lhes um porvir prospero e feliz.

Agressão

Na noite de domingo passado foi agredido á facada na rua das Figueiras o artista Fernando Moraes, no qual se verificou quando se procedia ao seu curativo, que apresentava varias incisões por diferentes partes do corpo, embora de pouca gravidade.

Registamos o facto sómente a titulo de informação, porque já estamos de todo convencidos de que nada vale pedirem-se providencias á auctoridade a que infelizmente está entregue o concelho. Lembramos apenas que cada um trate de defender as costas e os seus haveres conforme souber ou puder, n'esta terra que vive ao acaso.

Dias Simões

Um grupo de admiradores do nosso distincto amigo Antonio Dias Simões, acaba de lhe manifestar, de uma forma modesta e simples, mas sincera e justa, o preito que traduz a subida consideração em que é tido entre nós este dilecto filho d'Ovar.

Os seus admiradores, como dissemos, que são muitos, vendo n'elle um cultor esmerado das varias manifestações da Arte, offerteram-lhe uma artistica penna d'ouro, fazendo-a acompanhar da seguinte

MENSAGEM

Antonio Dias Simões

Os abaixo assignados
N'esta pequena mensagem
Tributam ao vosso merito
Sua devida homenagem.

Ditou-a, sabeis quem,
Tão singela como a palma?
—Nossa alma.

E se aquella é devida
A todos que tem valor
Vós o tendes bem subido,
Um primor.

Escrepta com esta penna,
Levae-a para vós tambem;
Guardae-a com o carinho,
Como guarda o filho, a mãe.

Ella só *penna* nos causa
Do pouco valor que tem...
Tão singela como a palma...
E' filha da nossa alma,
Levae-a para vós tambem.

Ovar, fevereiro de 1909.

Jubilosamente nos associamos a esta homenagem tributada a Dias Simões, este rapaz cheio de talento que tão brilhantemente o divide pelo campo litterario e bellas artes.

Quer na pintura e desenho, onde o seu pincel ou lapis tão habilmente se assignalam, quer na caricatura, de original *humorismo*, quer no theatro, em que tem produções de incontestavel apreço e encanto, quer na poesia cujas flores de suave perfume deliciosa-

mente nos embriagam;—Dias Simões tem affirmado sempre o brilho da sua intelligencia.

Por isso a ideia d'esta homenagem foi um justo galardão ao merecimento intellectual d'aquelle nosso amigo.

Serção da Bula

Prégou-se no penultimo domingo, na igreja parochial, um serção chamado da Bula da Santa Cruzada.

O prégador, depois de estabelecer, á laia da tabella do sello, o quanto os fieis deviam contribuir para a Bula segundo os seus rendimentos, assegurando a esses contribuintes todos os privilegios e indulgencias catholicas n'este mundo, concluiu por affirmar que tambem no para outro mundo tem indubitavel vantagem, pois com 50 réis d'uma Bula toda a gente se póde livrar do Purgatorio.

Por esta doutrina desnecessario é ser bom n'este mundo, visto que os facinoras podem conquistar o céu com tão insignificante quantia.

Positivamente Christo se viesse agora a este mundo tinha de correr do templo a azorrague estes seus... catholicos ministros, á vista de semelhante heresia—porque é uma heresia assombrosa esta.

Mas o povo já se vae rindo da doutrina... da exploração.

E d'esta vez foi descabellada.

A acção do coio

Por amor... de Deus

Roza Moreira, uma costureira de vinte annos, abalou ha dias para um recolhimento de freiras em Santo Thyrso. A desgraçada tinha mãe;—uma pobre mulher edosa, só, e sem recursos.

Mandaria Deus que a filha lhe não fugisse, aconchegando-a do seu carinho, e trabalhando para a manutenção de ambas;—n'uma nobre e fructuosa resignação cheia de coragem, de dignidade e de amor filial.

Mas creatura do coio,—alli a baixo, ao curral do concelho, esse vasadouro de coisas sacras e creaturas divinas, de lá trouxe para as suas obrigações de costura o roaz, o venenoso *memento* da voragem fanatisadora.

Lá ora hoje e trabalha, a contas com os alfobres do céu, e se a velhota que lhe deu a vida sentir saudades e frio que se prosterne ao Senhor:—tão amoroso para as creaturas, que no seu santo nome... fogem das mães! Fecunda messe a das «*irmanzinhas*», exercendo-se em plena e commoda impunidade, sem que ninguem lhes perturbe a digestão de creaturas humanas que devoram,—como Moloch, o deus feroz e sanguinario que vivia da carne palpitante e do sangue rubido das victimas.

Que religião de Paz e de Amor, que Deus de Clemencia e Misericordia, esse prégado e servido portas a dentro do tal collegio. Como elle nos revolta nos seus ataques á integridade da familia,—a melhor e mais honesta instituição de homens,—e como está em contradicção, em desacordo e em desacerto com o suave e doce Jesus! Vae-se a uma suggestionavel e simples rapariga, e por todo um *processus* de misticidade supliciante transforma-se a boa filha em uma secca, insensivel e descaroadada serva... de Deus. Troca-se mãe, trabalho independente, vida livre, pela servidão de uma casa religiosa onde, como pobre, a tresloucada nada mais póde ser que serva humilde e gratuita.

E' horroroso, e sacode em todos os nossos nervos a fibra in-submissa da Revolta, que é bem necessario sobre alentos para arcar, braço a braço, com essa Fur-na do Erro. Estão-se dando, em

Ovar, factos graves, casos de desvairamento fanatico, que só os não vê... quem não tenha vista. Ora é preciso expôl-os no pelourinho, e castigal-os sem contemp-lações sentimentalistas. Chegou a hora de cada um escolher,—de cada um definir a sua attitude;—o seu posto.

Paraguay do Occidente...

A doutrina das quinta-feiras

Contam-nos que na igreja matriz de Ovar, ás quinta-feiras, se dá o spectaculo de centenas de creanças aprendendo a doutrina christã, ensinada por um destacamento de madres do chamado collegio dos corações.

A algumas dessas *lições*, ao que aos dizem, tem assistido o abbade da freguezia, provavelmente por entender, na sua omnipotencia, que a Igreja parochial bem póde ser transformada em sucursal e agencia do coio.

Finda a doutrina, madres e pe-tizada regressam ruas fóra, a dois de fundo, ellas com o distinctivo da ordem—o *trage, expressa, clara, categoricamente prohibido*;—tanjendo o rebanho inerme, passivo e mole das creancitas.

Dia a dia, passo a passo, com a tenacidade, a maleabilidade características de authentica instituição jezuita, tem vindo tomando, entre nós, todas as posições; todo o campo. Alliadas ao clero regular que se lhes subordina,—de casa e pucarinho com o mundo civil local, as madres companhia ainda hão-de vir a tornar esta importante povoação, n'um novo dominio do jezuita:—um Paraguay do Occidente. E vendo bem que pequenissima, reduzida é a minoria dos que se lhe opõem, não custa reconhecer que, mesmo já, o está sendo.

Direitos de mercê

Pelo recebedor d'este concelho vão ser avisados todos os funcionarios em divida á Fazenda Nacional por direitos de mercê em atraso, para regularisarem o seu pagamento por forma a ficarem em dia, até 5 de Março proximo, para evitarem a acção do relaxe.

Bom será que todos paguem para se livrarem ao vexame e dispendio que uma tal medida lhe pode acarretar.

Contribuição de juros

O relaxe da contribuição de juros, é feito em 5 de Março proximo.

Foros do Estado

Estão em cobrança até ao fim do mez corrente na recebedoria d'este concelho os foros do Estado, referentes á Quinta da Motta e ao extincto convento de S. Bento da Avé-Maria.

Chronicas agricolas

A qualquer pessoa que pretenda explicações ou esclarecimentos sobre os assumptos versados nas chronicas agricolas insertas no nosso jornal, póde dirigir-se a esta redacção, por intermedio de quem serão fornecidos, pois o seu illustre auctor se promptifica a isso.

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa terrea na rua da Fonte, dividida para dois moradores.

Para tratar com Manuel d'Oliveira Paulino.

